

MEIOS DE COMBATE

A protecção da vinha contra a eutipiose baseia-se unicamente na adopção das seguintes medidas preventivas:

- Utilização de material de propagação vegetativa que ofereça boas garantias fitossanitárias (material certificado) na renovação ou instalação de novas vinhas.
- Podar em último lugar as cepas infectadas e queimar de imediato a madeira resultante.
- Evitar cortes numerosos e de grandes dimensões.
- Podar o mais tarde possível.
- Desinfectar as tesouras de poda com lixívia diluída a 5%.
- Desinfectar as feridas, em particular as de maiores dimensões, com um fungicida à base de carbendazime+flusilazol e protegê-las com um unguento de enxertia.



Figura 5

Direcção de Serviços de Agricultura e Pecuária

Quinta de S. Gonçalo

9500-343 PONTA DELGADA

Tel. 296 204 350 | Fax. 296 653 026

Email: info.dsap@azores.gov.pt

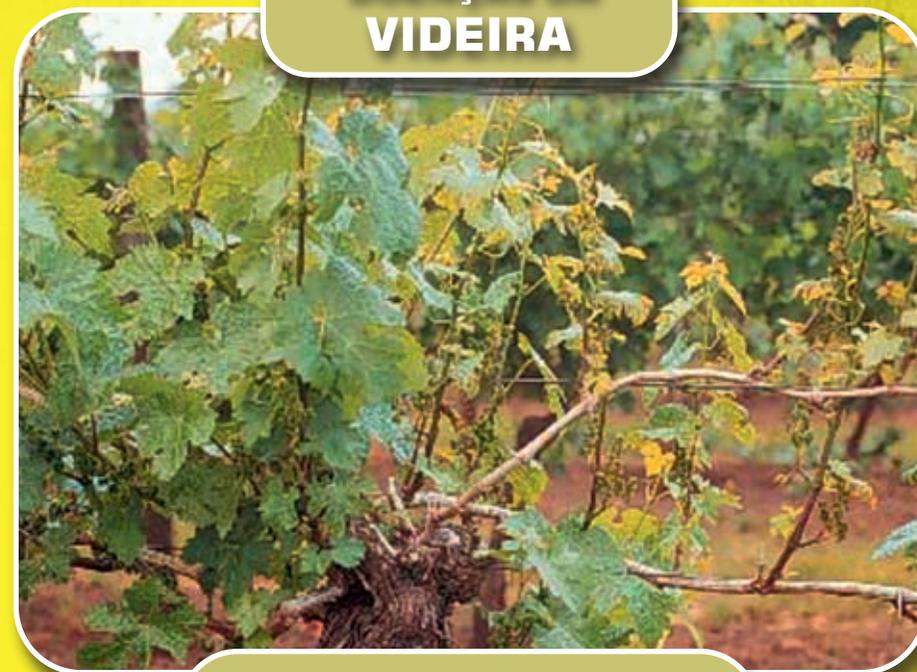


Governo dos Açores



SECRETARIA REGIONAL DA
AGRICULTURA E FLORESTAS

DOENÇAS DA VIDEIRA



EUTIPIOSE DA VIDEIRA

EUTIPIOSE DA VIDEIRA

A eutipiose é uma doença que ataca o lenho da videira, cujo agente causador é o fungo *Eutypa lata* (Pers. Fr.) Tul & C. Tul. Este fungo também ataca mais de 80 espécies lenhosas, entre elas o damasqueiro, a cerejeira, a amendoeira e a ameixeira.

É uma doença bastante destrutiva com incidência elevada em regiões onde a precipitação média anual é superior a 600 mm e em climas temperados.



Figura 1



Figura 2

PROPAGAÇÃO DA DOENÇA

Para se reproduzir, o fungo *Eutypa lata* produz esporos no interior de uma estrutura semelhante a um saco, denominados ascósporos, os quais podem permanecer viáveis durante 5 anos. Os ascósporos são pois a única forma de propagação da eutipiose.

Os ascósporos são libertados pela acção da chuva e são dispersos a grandes distâncias pelo vento.

Ao caírem em feridas ou em cortes recentes provocados pela poda e na existência de condições climáticas favoráveis (temperatura, chuva e humidade) começam a germinar e a invadir os tecidos da planta.

A germinação dos ascósporos pode ocorrer a temperaturas entre 1 e 45 °C, mas as condições óptimas verificam-se entre 20 e 25°C.



Figura 3



Figura 4

SINTOMAS

O micélio resultante da germinação dos ascósporos coloniza rapidamente os tecidos do lenho, onde provoca necroses típicas. Os sintomas só são visíveis 4 a 8 anos após a ocorrência da infecção.

O corte transversal do **tronco** ou do **ramo** mostra uma zona necrosada em forma de cunha ou triangular cuja madeira morta é acastanhada, dura e quebradiça (figuras 1 e 2).

Na altura da rebentação, os **jovens rebentos** (com 25-50 cm de comprimento), provenientes de braços infectados, apresentam-se mais pequenos, com pouco vigor, cloróticos e com entre-nós muito curtos (figura 3).

Numa fase mais avançada da doença, os pâmpanos ficam reduzidos a alguns centímetros, apresentam uma coloração avermelhada e, por vezes, não têm folhas.

As **inflorescências** mantêm um aspecto quase normal até à floração, altura em que secam completamente ou sofrem forte desavinho (figura 4).

Em geral as **folhas** são mais pequenas que o normal, apresentam-se cloróticas e adquirem a forma de taça. Frequentemente, desenvolvem pequenas manchas necróticas e as margens ficam esfarrapadas. Nos casos mais graves, as necroses marginais podem estender-se a todo o limbo, provocando a seca e queda das folhas (figura 5).